

Capítulo 1

TRIBERG

Cibeli com quarenta e sete anos

Argus chega à casa dos empregados ainda sob o impacto da revelação e da apresentação de Cibeli pela manhã. Descobre que o prato do dia é um assado com legumes, quando ele prova a comida sente a carne desmanchar em sua boca.

- Aprovou o almoço, senhor Argus?

- Este prato está de bater palmas...

A cozinheira sorri para o novo motorista. (É sempre assim. Todos nós quando chegamos ficamos em um silêncio alerta diante de um novo mundo. Ele resistiu mais do que o normal, agora cede. Começa a dar sinais de que começa a se sentir em casa).

- Pode repetir se quiser, senhor Argus.

- Obrigado, Clarinha. Lá no presídio eles não costumavam servir este prato.

Clarinha tem um sorriso divertido para o homem à sua frente. Agner agora chega à copa da casa dos empregados acompanhada de um jovem bonito, elegante...

- Boa tarde, senhor Argus. Boa tarde Natascha e Clarinha. Este é o novo vigia da casa. O nome dele é Rodney. Fique à vontade, senhor Rodney. O almoço está pronto.

Rodney se senta junto à mesa e serve. O jovem parece não acreditar no paladar daquele assado. Em silêncio Argus observa o novo empregado saboreando o prato. (Eles não servem pratos como este no presídio, não é Rodney?).

- Oba! Além de Hans agora temos um novo motorista maduro e másculo e este mordomo galã. Isto aqui está ficando um trem bom demaaaais...

Neste momento Luana chega à copa fica olhando espantada para o novo vigia. Ele fica alerta com a atitude dela. Ela fala concentrada em suas palavras apontando para Rodney:

- Nova profecia poderosa o Senhor me deu neste momento. Eu vou ser sua esposa, estranho.

O jovem engole seco com olhos arregalados para Luana. Clarinha dá uma gargalhada com a cena. Argus tem um sorriso contido. Agner está sisuda como sempre quando diz a Luana:

- É assim que recebe seus novos companheiros? Matando eles de susto?

Luana se cala, mas continua a olhar firmemente para o assustado novo galã do pedaço. Agner suspira. Agora ela se vira para o novo motorista.

- Senhor Argus. Seu treinamento terminou. Quando tiver a chance não se esqueça de agradecer a senhora Gatti por sua nova vida.
- Ainda não sei o nome da empresa em que vou trabalhar...

-O senhor vai trabalhar para a Perfumaria Gatti.

Argus suspira. (Então é isto.).

- Eu já agradei a ela, senhora Agner.

Ele pensa em como às vezes tudo pode ser tão surreal. (Ela não mudou. Só ficou mais adulta.

Erik agora é o marido amado dela. Eles têm um casal de filhos. Os herdeiros. Erik jamais me reconheceria. Eu mesmo não me

reconheceria. Quais outros personagens da minha juventude ainda podem estar em torno dela? Sofhia veio para a Europa com Peter,

irmão de Erik. Mais alguém daquela turma?

Quem sabe a prima dela, a Sílvia? Uma possibilidade. Ela estava estudando química).

Ainda sob o momento da revelação de Cibeli, agora ele se lembra do que sua mãe disse um pouco antes de sua viagem sem volta a Ilhéus:

“-Argus vem do grego “Argos.” Que quer dizer: Aquele que brilha. Você não vai ficar triste para sempre, Argus. Isto eu te garanto. Tem um futuro brilhante te esperando.”

Para ele, agora este é o único futuro brilhante possível. Um futuro que parou de rodar

naquela briga de bar e recomeça agora. (É como se o tempo tivesse parado por vinte e sete anos, depois daquela viagem a terra de

Jorge Amado. Então eu apareci subitamente com cinquenta anos para enfrentar um

mundo francamente hostil até o convite para trabalhar na Europa). Argus sabe, que de qualquer maneira, aquela oferta de emprego

antes inexplicável não caiu do céu. (E daí, é bom ver a sorte sorrindo para mim para variar). Argus não se importa se nunca mais voltar ao Brasil. Não tem mais nada para ele lá, a não ser a mãe em coma induzido. Os parentes o desertaram. Quem quer um assassino em seu círculo de conhecidos. Luana se retira. Natascha olha curiosa para o novo motorista:

- Luana profetizou sobre o senhor.

- Luana, a arrumadeira?

- Isto mesmo. Ela disse que o senhor é um anjo acampado em volta da casa de campo. Argus acha graça.

- Se tem algum anjo nesta casa este anjo é a senhora Gatti.

Cibeli observa o novo motorista se familiarizando com um dos automóveis da residência, é o veículo preferido dela. Ela já sabe que o motorista está pronto para assumir seu posto provisório. Agora que seu marido está de volta, Cibeli sente, por um momento, uma estranha animosidade para com o novo funcionário. Algo quase como se ele fosse uma ameaça. (Qual seria a reação de Erik se soubesse que eu pedi e Hans montou uma verdadeira operação para trazê-lo até aqui? Como explicar à família que aquele homem a

salvou de um passado vergonhoso que eu nunca ousei contar a ninguém?).

- Hans, por favor.

- Pois não senhora Gatti.

- Eu quero minha privacidade de volta. Quero aquele meu jardim de volta só para mim e meu marido. Avisa ao novo motorista sobre onde ele pode circular e onde ele não pode. Aliás, avise-o que todo o jardim é só para os moradores definitivos da residência. Nas horas de folga ele pode ficar na casa dos empregados ou dar uma volta por aí fora da mansão. (É por pouco tempo Argus. Logo você vai embora).

Cibeli passeia com o marido pelos jardins da casa de campo. (Desta vez não vou passar o meu aniversário em Triberg.). Ela tem um sorriso feliz para o marido. Cibeli está maravilhada com o panfleto turístico da cidade encantada de Würzburg, onde começa a rota romântica da Alemanha. São castelos, Esculturas de anjos, pontes de pedras com arcos sobre rios erguidos na época medieval. Ela nunca esteve por aqueles caminhos de sonhos. Erik continua sua explanação:
- O hotel cinco estrelas oferece quartos espaçosos, instalações de SPA e três restaurantes. Além disso, a estação de trem principal fica próxima ao hotel. De lá

podemos partir para nossa rota romântica de trem, como jovens apaixonados...

Ela sorri feliz. Ele continua:

- Mas antes vamos passar seu aniversário em Viena.

- Você sabe que, apesar de estar tão perto, eu nunca estive naquele lugar de sonhos, Erik. Ela se aproxima e o abraça carinhosamente, feliz com a viagem na companhia do marido e continua:

- Como jovens apaixonados sim, amor. Mas nada de mochilas, Erik. Eu vou usar o melhor vestido que o dinheiro pode comprar, para dançarmos uma valsa em um daqueles belos salões de Viena.

Ele sorri para ela:

- E nada de trabalho. Não esperei por sua companhia em minhas viagens por esses anos todos para sair a trabalho com você por aí. Vamos aproveitar cada segundo de nossa nova lua de mel.

- Já decidi se vamos de trem até Viena...

- Nós vamos de carro, Cibeli. A viagem é longa, mas prazerosa. O novo motorista pode dirigir para a gente.

Cibeli fica alerta. (Está tudo bem. Impossível reconhecer Argus depois de décadas. E Argus entendeu bem qual é o seu papel nesta casa até sua breve partida).

Capítulo 2

Naomi Terada está triste, apreensiva diante de Erik. Tudo se materializou assim que voltaram do Japão. O brilho apaixonado nos olhos dele desapareceu como mágica, assim como o apetite sexual dele. Ele passou a se afastar dela, mantendo uma distância segura como se ela fosse só um incômodo. Agora, Naomi olha para o homem à sua frente. Conseguiu finalmente ficar a sós com Erik bem onde achou que ia encontrá-lo. No centro da pequena cidade de Triberg. Erik estava apreciando a loja dos cem relógios. Uma grande loja que se destaca pelo espetáculo de sons e movimentos do grande relógio da fachada em todas as horas cheias. Ele sempre falou a ela sobre magia e o fascínio que aqueles relógios causavam. É óbvio que Erik está surpreso com a presença dela em Triberg. Depois de alguns segundos com os dois se encarando, ele falou a ela aborrecido:

- O que está fazendo aqui, Naomi? Você devia estar em Londres. O que quer comigo?

Os olhos de Naomi se estreitaram. Ela olha fixamente para ele com os olhos miúdos.

- Eu é que te pergunto. O que deseja de mim? Antes de nossa viagem ao Japão, você era um homem apaixonado, pronto para levar nosso relacionamento a sério. Mas depois de nossa viagem você tem me evitado...

Erik olha nos olhos de Naomi enquanto pensa. (Isto foi um erro, eu não devia ter me envolvido com uma funcionária, mas aquela ideia me pareceu irresistível há semanas), ele pensa e agora faz uma forçada expressão de surpresa para ela em seu rosto.

-Meu Deus, Naomi! Eu nunca disse que era algo sério.

Ela ficou muda. Erik continuou:

- Sinto muito se você levou para este lado.

Nós dois somos adultos, Naomi. Não dá para ficarmos agindo como dois adolescentes apaixonados. Nós fomos ao Japão como você pediu. Eu paguei a viagem. Você reviu sua família, passou o natal com eles como eu prometi, nós nos divertimos. Pronto, acabou. Agora Naomi tem olhos surpresos e furiosos ao mesmo tempo.

- Eu te apresentei a meus pais...

Erik a interrompe e diz:

- Naomi, eu vou te dar uma sugestão, ou melhor, um conselho. Apague aquelas fotos de seu smartphone que nós fizemos nos divertindo no Japão, eu já fiz isto no meu. Esqueça-se de tudo que aconteceu entre nós porque simplesmente não houve nada. É o melhor para nós dois. Assim eu não me indisponho com minha esposa e você continua com seu emprego. Sinceramente, Naomi. Se Cibeli descobre sobre nossa saidinha, ela vai acabar com você. Ela é completamente apaixonada por mim.

- Não estou preocupada com meu emprego.
- É melhor ficar. Eu mesmo garanto que você não vai ficar muito tempo na empresa se continuar me procurando como fez agora. (Ele me ameaçou. O homem gentil e bonito que se mostrava apaixonado me ameaçou... Naomi pensa atônita.)

-Tenha uma boa tarde, Naomi.

Assim que ele deu as costas e seguiu em direção a seu carro, Naomi se sentiu completamente abalada. Uma humilhação e uma revolta que nunca sentiu antes tomou conta dela como a neve pesada toma conta da paisagem a sua frente. (Eu acreditei que ele era o homem da minha vida). Ela consegue se dirigir até um dos bancos de pedra coberto no centro da praça. Aos poucos ela vai recuperando seu controle. Ela retira seu smartphone de sua bolsa e olha para as fotos dos dois juntos na cama do motel, em Tóquio. Erik é elegante e loiro. Um típico alemão, muito educado, sem dúvida um sonho para qualquer mulher. Naomi morde os lábios. Ela lembra-se do que ele acabou de dizer: "Nós fomos ao Japão como você pediu. Você reviu sua família, eu paguei a viagem, nós nos divertimos. Pronto, acabou. "

Então ela se lembra de sua mãe lhe disse, quando soube que sua companhia de natal era casado:

" Não criei minha filha com tanto carinho para isto. "

- Você vai aprender que não deve tratar uma mulher japonesa como uma prostituta, Erik.

VIENA

A noite de aniversário de Cibeli

O WhatsApp estalou bem no meio de um revigorante sono. Quem seria a esta hora? Ainda tombada pelo sono satisfeito e feliz, Cibeli se esforça em não acordar o marido. Foi um dia cheio. Primeiro a chegada à estação com vista de cinema para os Alpes. Depois visões de lagos azuis com cisnes e valsas a noite. Um dia de princesa para a Dama dos Perfumes. (No fim valeu a pena tantos anos de trabalho duro). Agora na cama, com seu marido satisfeito depois da noite de amor, Cibeli é pega de surpresa quando WhatsApp a chama. (O que seria a esta hora?). Cuidadosamente, ela se levanta da cama e vai até o luxuoso hall de entrada do quarto onde está hospedada em Viena. Um hotel cinco estrelas cujo quartos mais parecem como grandes apartamentos. Cibeli se senta e olha para seu smartphone. Ela conhecia aquela moça. Naomi era uma das secretárias executivas de sua empresa em Londres, mas como ela conseguiu meu WhatsApp? E por

que passar uma mensagem há uma hora destas?

Na primeira foto enviada por Naomi, Cibeli congelou e levou a sua mão a boca:

- Não pode ser...

Cibeli conseguiu falar. Com uma expressão muda em seu rosto, ela sentiu um arrepio de horror olhando chocada cada uma das fotos. O homem ao lado dela naquela cama estava em uma animada brincadeira sexual com a japonesa, os dois nus em um quarto de hotel.

- Tudo virou de pernas para o ar...

Cibeli fala sozinha, olhando para a imagem dela com uma expressão estranhamente muda no espelho do imenso quarto do hotel. Ela olha novamente para seu smartphone e suspira em uma comoção agitada, terrível.

Quando o barulho do WhatsApp a acordou na madrugada, Cibeli dormia como não dormia há muito tempo. Um sono satisfeito, restaurador. (O primeiro dia de minha primeira viagem tão esperada e meu aniversário de quarenta e oito anos com ele. Agora isto, Erik e uma jovem que não passa dos vinte e poucos anos), ela pensa enquanto olha pela porta do hall de entrada para o homem deitado na cama dela. Tudo agora virou um verdadeiro pesadelo. Cibeli conhece a moça na foto. Uma secretária da empresa. Na última viagem ela foi com ele até o Japão. Ela lembra-se do que a moça com um pouco mais de vinte e quatro anos disse a ela:

“ Tenho certeza que eu e seu marido vamos trazer bons negócios do outro lado do mundo.”

- Será que eles passaram o natal juntos lá e eu sozinha? Será possível? Meu Deus, aquela ideia dele de uma festa de fim de ano com os funcionários foi uma cortina de fumaça, para distraí-la da ausência dele no natal? Não tem como...

Ela fala e se cala. (Contra fatos não existem argumentos). Cibeli foi passando da perplexidade para uma revolta única com cada foto que desfilava a sua frente.

Finalmente ela cai em si, percebe em seus olhos a primeira lágrima. Desde o seu terrível aniversário de vinte anos, quando o seu belo cabelo foi raspado pelo monstro, ela não chora assim. Um misto de indignação, revolta, tristeza... começa a nascer uma fúria mística. (Eu não o quero me vendo assim, porra! Eu sou a dama dos perfumes!), ela pensa. Vai até o banheiro do luxuoso quarto de cinco estrelas de Viena. Cibeli enxuga as lágrimas e lava seus olhos. Ainda atônita, de volta ao quarto ela olha pela janela. Mesmo de madrugada Viena é um lugar fantástico, surpreendente, ela ficou maravilhada quando chegou. Agora será para ela sempre um lugar de paisagem com lembranças terríveis. Um lugar que ela espera nunca mais ver em sua vida. Cibeli encara o homem deitado em sua cama com rancor. Ela se prepara para o

embate com o adúltero que sempre dormiu o sono dos justos enquanto ela ficava acordada, preocupada em satisfazê-lo em sua cama. (Vamos ver até que ponto alguém pode ser uma farsa).

Erik está mudo. Assustado como um garoto que foi pego com as calças na mão. Agora não parece o homem confiante e amoroso de antes. A voz dela era como uma brisa que antecipa uma tempestade:

- Você consegue alguma explicação para isto, Erik?

Na única foto que ela lhe mandou pelo WhatsApp, os dois, ele e sua amante estão se beijando em um belo jardim japonês. Cibeli mandou apenas uma única foto das dezenas que tem. Apesar de Erik estar estremeado, ele já pensa em como sair daquela situação toda. Raciocina se aquela foto era a única que Cibeli tem. Ele repara que ela colocou seu smartphone delicadamente em um criado mudo ao lado dela.

- Foi só um erro. Ela não é nada, não representa nada.

Cibeli fica em silêncio, encarando ele. Sentada em frente a Erik em uma poltrona confortável, suas pernas estão cruzadas. Erik se senta na cama em frente a ela. Abaixa a cabeça e

suspira em um gesto que parece misturar remorso e arrependimento.

- O que quer saber, Cibeli?

Cibeli pega de volta o smartphome e envia mais uma foto. Agora, na foto, seu marido e sua amante estão nus e abraçados em uma cama.

- E isto? Consegue me explicar isto?

- Entendo...

Erick força uma expressão de indignação e vítima ao mesmo tempo e continua:

- Você está querendo brincar de rato e gato comigo...

Mais uma foto.

- Eu não sabia que gostava assim, Erik.

Ele repara que ela está tranquila, como se não tivesse recebido a má notícia, ela continua:

-Você ainda tem aquele maço de cigarros por aí? Deu-me vontade de provar um...

Erik estranha a frieza dela. Aquilo o assusta.

Ele estica-se pela cama até alcançar o seu criado mudo. Passa um maço de cigarros para ela junto com um isqueiro. Ela acende o cigarro e fica olhando para ele. Então ela diz com uma careta de nojo:

-É horrível! Como consegue conviver com isto? Tem gosto de fumaça.

Ele não sabe se deve falar algo, ela continua:

- Meu Deus! Além do gosto de fumaça, isto mata.

Ela apaga o cigarro. Manda a ele mais um WhatsApp que a amante de seu marido mandou. Agora é uma gravação:

“Boa noite, senhora Gatti. Desculpe-me por tudo. Eu sou tão culpada por isto tudo como seu marido. Eu só queria dizer que imaginei que ele realmente gostava de mim. Chegou a passar o natal comigo no Japão, quando a deixou sozinha. Aquilo para mim era a prova definitiva de seu amor por mim e do fim de seu casamento. Quando eu soube que ele ia fazer uma segunda lua de mel com você depois do natal, eu o confrontei. Ele me ameaçou mandar embora da empresa se eu falasse algo sobre nós, agora eu sei, um rápido e sem importância caso. Imagine só. Ele preferiu passar o Natal comigo no Japão do que com você, mesmo que eu não seja nada importante para ele. Diga ao garanhão da firma que eu já me demiti. ”

Assim que termina a gravação, Cibeli pega o maço de cigarros e lê para ele o que está escrito em suas costas:

- Este produto gera fumaça tóxica...

Depois ela continua, olhando para Erik:

- Você a ameaçou de demissão... parece que não adiantou muito. Eu quase tenho pena dela.

- Vamos dormir, pelo amor de Deus, Cibeli. -
O tom da voz dele era de súplica:

- Vamos esfriar a cabeça e conversar com calma amanhã.

- Você mesmo me disse que me traiu por nada, algo sem importância nenhuma, garanhão da firma. Deixou-me sozinha no Natal por mais uma vagina. Quantas vezes você já fez bobagens assim, pequenas travessuras sem importância como esta? Ele se curva e balança sua cabeça negativamente em um ato melancólico. Ela continua:

- Eu reparei por um momento na nossa última vez juntos na copa da nossa casa de campo. Uma cozinheira deu uma rápida olhada para você. Parecia ter ódio nos olhos. Agora sei o porquê, é o mesmo ódio desta moça que me mandou as fotos. Você é uma farsa, Erik.

- Eu sou uma farsa? Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você, que finge gostar de sexo desde que nos conhecemos como fez comigo está noite? Você devia agradecer estas moças casuais em minha vida. Só por causa delas você não está sozinha...

Erik não continua. Fica calado. Agora ele sabe que não devia ter dito aquilo. Está tudo ficando cada vez pior. Ela dá uma gargalhada seca e curta:

- Eu tinha que ouvir isto justamente na noite em que realmente acreditei que satisfiz meu marido. Por que não foi embora então se eu não sou mulher para você? Por que não sumiu

e me poupou de ouvir isto? Será que não foi embora por causa de suas mordomias?

- Olhe agora o absurdo que você me fez falar, Cibeli... acho melhor encerrarmos esta conversa.

Ele pega a sua coberta, olha para ela:

- Vou deitar. Você vem?

(Meu Deus! Eu fiquei casada durante anos com esta coisa). Ela pensa e sorri. Um sorriso irônico.

- Você é inacreditável, Erik.

Cibeli levanta-se e ele descobre que ela está vestida, pronta para ir embora, mas não vai. (Você devia agradecer estas moças casuais em minha vida. Só por causa delas você não está sozinha...). Então, na noite de aniversário de Cibeli, uma súbita fúria desaba sobre ela. Descontrolada, Cibeli parte para cima do homem deitado. Ela busca o rosto dele com suas mãos abertas, em meio ao susto ele se levanta:

- O que está fazendo...

Atrapalhado e perplexo, ele segura os braços dela com facilidade. Solta uma das mãos e dá uma bofetada nela. Volta a segurar as duas mãos delas. Ela acerta um terrível chute no meio das pernas dele. O homem se rende. Ela tenta conter sua fúria, respira e diz para o homem agachado no chão:

- Deitar com você? Deitar ao seu lado? Você acredita que eu vou me sujeitar a isto? Acha que eu sou um lixo? Agora, para mim, deitar

ao seu lado é o mesmo que estar condenada a viver em meio a fumaça tóxica onde a morte é certa. Eu vou embora, não venha atrás de mim. Espero que você tenha a dignidade de pedir demissão de seu cargo, porque senão eu vou demiti-lo por justa causa. Assédio sexual é crime e eu tenho o WhatsApp da idiota aqui comigo. Nosso divórcio não precisa ser litigioso. Seus filhos não precisam saber que o pai é um patife, um canalha que desrespeita habitualmente o lar onde eles foram criados. Você recebe os papéis e assina. Não deixe nada para trás. Ele fica mudo. Ela vai em direção à porta.
-Adeus Erik.

(E agora?). No elevador do hotel, uma abalada Cibeli tem súbita visão de seu passado materializada pelo tão decidido adeus que deu a Erik. O beijo que ela deu no mesmo patife por não conseguir dizer adeus àquele namorado que se perdeu no tempo. (Um homem que hoje é justamente meu motorista. O único conhecido próximo a mim neste momento grotesco. É tudo tão bizarro). A mente dela volta a martelar:
“Você devia agradecer estas moças casuais em minha vida. Só por causa delas você não está sozinha.” Cibeli abaixa a cabeça abatida em meio a sua dor. O motorista a sua disposição

volta a sua mente. Mesmo ali em meio a decepção destruidora ela pensa em Argus. (Será que aquele beijo de alguma forma contribuiu para a tragédia de Argus? O que aconteceu contigo? Por que o seu futuro brilhante se foi, príncipe valente. Uma pena, se você fosse o médico vitorioso que prometia seria tudo tão diferente para nós dois, mas assim, como você se apresenta, como um ex-presidiário, não há lugar para Argus no mundo da dama dos perfumes).

Parte 2

RIO DE JANEIRO

Argus com vinte e três anos

Em Vila Isabel, a mãe de Argus se senta ao lado do filho.

- Eu vou te dizer, mãe. Eu vou aproveitar o resto das minhas férias. Vou a Ilhéus ver aquela maravilha. Tomar uma cerveja gelada sentado em uma mesa ao lado de Jorge Amado. Visitar o Bataclan para ver Maria Machado e suas meninas. Conhecer de perto o perfume de uma plantação de cacau. Mas não vou procurar Gabriela. Ela foi embora. Seduzida pela sua terra prometida, (assim como Cibeli foi para a França).

Argus suspira. A mãe vê a tristeza nos olhos dele. Ele continua:

- Depois eu volto e me joga de cabeça em meus estudos.

Kaira se aproxima, abraça seu belo filho sentado ali próximo a ela.

- Você sabe como eu e seu pai, como nós escolhemos seu nome?

Argus sorri, ele já ouviu aquela história dezenas de vezes.

- Agora eu fiquei curioso, mãe.

- Argus vem do grego "Argos." Quer dizer: Aquele que brilha. Você não vai ficar triste para sempre, Argus. Isto eu garanto.

Ela se aproxima do filho e acaricia seus cabelos:

- Você tem um futuro brilhante te esperando.

A mãe continua:

- E sua tristeza não vai durar para sempre...

Começa assim a viagem sem volta de Argus.

Capítulo 2

PARIS

Cibeli com vinte anos

A viagem de Cibeli terminou. Ela está na França. Ainda sob o manto do medo pelo terrível objeto que ela traz em sua bagagem, Cibeli se apresenta temerosa ao fiscal da alfândega. Entrega seu passaporte a ele, o homem digita algo e devolve a identidade a ela.

- Pode ir, senhorita Cibeli.

Ela fica surpresa e aliviada:

- Mas como? Não vai abrir minhas malas?

- Não, senhora. Sua apresentação foi recomendada pela escola de perfumes de Grasse.

Cibeli fica eufórica, feliz e orgulhosa com a notícia. Depois ela fica em silêncio. É tudo tão especial. Tudo tão diferente do que ela imagina. Agora ela caminha fascinada pelo aeroporto Charles de Gaulle. Ela vê lojas da com as marcas mais sofisticadas do mundo. Marcas que são sonhos de consumo de mulheres e homens de todos os locais. É um mundo diferente, que parecia inalcançável e agora ela passeia por ele. (Todo o meu passado ficou para trás. É como se nada daquilo tivesse existido. Eu me sinto como se estivesse nascendo hoje, uma nova data de

nascimento). Cibeli chega à área de desembarque do enorme aeroporto e sorri feliz e segura. Erik está lá, esperando por ela. Seu homem a espera em sua terra prometida.

No dia seguinte, é tarde quando Cibeli e Erik chegam a Grasse. A viagem de carro foi longa, mas deliciosa. Cibeli apreciou cada imagem da paisagem branca pela neve. Agora ela já sabe o que é um país de primeiro mundo.

Apesar da concentração dela na paisagem e dele no volante a conversa às vezes pipocava feliz entre os dois:

-Você me ajuda a encontrar um canto para morar que caiba dentro do meu orçamento quando chegarmos a Grasse, Erik. A mesada que eu recebo é constante, mas não é muito para os padrões europeus.

Ele olha para ela sério:

- Por quê? Não quer morar comigo?

Agora ela é quem está mais uma vez surpresa. Não fala nada.

-Não gostou da ideia?

- Eu sou tão importante para você assim, Erik?

- Não reparou ainda?

Ela fica em silêncio, ele continua:

- O apartamento é pequeno. Como quase todos os apartamentos da Europa. Mas cabemos nós dois lá dentro. Depois daquele beijo no Brasil, eu quero você comigo, Cibeli.

- Eu vou contigo.
- Agora ele olha feliz para ela:
- Mas tem uma condição.
- Ela tem uma expressão divertida no rosto.
- O que seria?
- Como você sabe eu vou ser seu professor em Grasse.
- E...
- Eu quero ser sempre o primeiro a sentir sua fragrância... você faz isto para mim?
- De todo coração e toda a minha alma.

O apartamento é pequeno como Erik disse, mas charmoso. A sala tem uma lareira. Ele liga a lareira a gás e vai até a cozinha. Depois traz um pequeno lanche para os dois. Eles se amam. Quando termina, Cibeli diz a Erik que vai tomar um banho. Quando fecha a porta do pequeno banheiro, ela libera toda a sua excitação com a terra dos perfumes. Foi difícil, mas ela se conteve. Quando chegaram ao mundo os perfumes, ela se lembrou do que Erik disse a ela na praia de Ipanema:

“Quem sabe eu não sou o anjo que vai te levar ao paraíso?”

Cibeli deixa a água correr pelo seu corpo e se entrega várias vezes ao sexo solitário, ela está mais excitada do que nunca. Quando está

satisfeita, saciada, ela sai do chuveiro e vai até o espelho, se olha nua, com a toalha enrolado seus cabelos e diz feliz:
- Bem-vinda ao seu futuro, Cibeli.

Parte 3

Capítulo1

VIENA

Cibeli com quarenta e oito anos.

Ela sai do elevador transtornada. A recepcionista do hotel cinco estrelas de Viena se lembra de que não acreditou quando viu a dama dos perfumes chegando. O coração dela disparou. (É ela..., vai se hospedar aqui...). Agora, cinco horas depois ela vê chocada a senhora Gatti saindo do elevador com a cara de alguém pronta para uma briga. Apesar da hora da madrugada a recepcionista não está sozinha na em seu trabalho. Um constrangido silêncio toma conta do ambiente quando Cibeli solta um palavrão olhando para o céu. Ninguém sabe o que fazer. A recepcionista vai decidida até ela:

- A senhora precisa de alguma coisa?

Cibeli se dá conta. Está expondo seu vexame.

Ela recompõe-se:

- Não, obrigada. Meu motorista vem me buscar. Eu vou ligar para ele. Tem algum canto por aí onde eu possa ficar sozinha até ele chegar?

- A senhora se importa de esperar no vestiário dos funcionários? Não tem ninguém lá há esta hora.

- Lá está ótimo.

Em um pequeno hotel próximo aonde Cibeli se hospedou, Argus desliga seu smartphone. Ele sentiu a urgência dela. E não era só pelo horário, em plena madrugada, mas era obvio que Cibeli estava abalada. (Algo deu errado). Quando ele chega à recepção, se apresenta e pergunta pela senhora Gatti. A recepcionista o leva até ela. (Pobre menina rica...). Ele pensa quando vê o estado deplorável dela.

- Minha viagem dos sonhos terminou na primeira noite, bem no meio do meu aniversário, senhor Argus.

- A senhora que ir para casa?

- Não! Não vou voltar para Triberg. Vou continuar com minha viagem sozinha mesmo. Vamos andando...

- Para onde senhora? Aonde quer que eu a leve, senhora Gatti?

Com seu orgulho de fêmea abatido e sua autoestima arrastada para o fundo do poço, ela pensa no que vai dizer a Argus, então fala com ironia nos olhos em meio a sua fúria controlada:

- Vamos só andar por aí, meu novo motorista.

(Eu sou uma farsa? Pensa que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você?). Agora eles estão em Baden, uma cidade a

poucos quilômetros de Viena. No carro, Argus levanta o vidro que separa o banco de trás do veículo. Cibeli pega seu smartphone, suspira. A voz de Leona está do outro lado da linha. Ela diz alegre:

- Como vai sua nova lua de mel, mãe?

Cibeli é direta em sua resposta.

- Nada bem.

A filha tem agora um silêncio aflito. Espera a mãe continuar por algum tempo, mas Cibeli permanece em silêncio.

- O que aconteceu?

Cibeli pensa no que falar. É inegável que Erik ama os filhos, os filhos o amam e acima de tudo o respeitam. Para Leona especialmente, a história do casal se conhecendo e partindo do Brasil juntos para sua terra prometida era pura mágica. Cibeli não sabe o que fazer, mas sabe o que não vai fazer. Não vai revelar aos filhos que tudo aquilo no fim era uma farsa ou apenas tudo terminou muito mal. Os filhos amam o pai. Não merecem o sofrimento de descobrir que o pai é um cafajeste. Ela apenas responde a filha determinada:

- Meu casamento acabou.

A mãe pode sentir a surpresa e a súbita e desesperada tristeza da filha. Agora e Leona quem não fala nada. Cibeli continua:

- Acontece. Nesta viagem descobrimos que passamos tanto tempo afastados um do outro que não nos conhecíamos mais.

- Não acredito. Por que não me conta o que aconteceu. Aposto que foi só uma briga furiosa. Aposto que isto vai passar.

Cibeli se lembrou:

“- Eu sou uma farsa? Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você... que finge gostar de sexo desde que nos conhecemos como fez comigo está noite? ”

- Não vai passar. Acabou.

Cibeli desliga o telefone sem se despedir da filha. A frase de Erik martela em sua cabeça:

“- Eu sou uma farsa? Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você... ”

(Então foi assim durante vinte e sete anos, foi tudo uma farsa mesmo). Agora Cibeli está novamente cada vez mais furiosa. Ela bate no vidro que separa a cabine do motorista do banco de trás do veículo. Parece irritada. Ele abaixa o vidro.

- Eu vou sair. Andar um pouco. Preciso respirar um ar puro.

- Pois não, senhora.

Argus estaciona, sai do carro e abre a porta do passageiro.

- Eu vou acompanhá-la pela Cidade de Baden, senhora.

- Eu quero ficar sozinha.

- Senhora Gatti, é para sua segurança. Eu a acompanho de longe.

Ele repara que ela está francamente irritada quando ela fala entre os dentes.

- Eu não quero.

Ele respira. (Deus me livre de sua fúria, Cibeli).

- Eu tenho ordens, senhora. Ordens de Hans.

- Quem dá ordens aqui sou eu. Apenas obedeça.

Cibeli respira fundo enquanto anda furiosa pelas ruas de Baden. (Você é uma farsa Cibeli...). Agora ela queria estar em um lugar isolado. Um lugar abandonado com alguns vidros para quebrar. Uma praia onde pudesse chutar areia para o alto. Uma capela com dois mortos onde pudesse gritar sua fúria para os ossos. (Eu sou uma farsa? Pensa que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você?). Ela sabe, precisa se acalmar. (Meu marido sim é uma farsa. Os bons momentos de meu casamento, que guardava com tanto carinho, tudo uma farsa).

Então, do nada Argus aparece na frente de Cibeli. Ele tem uma arma em punho. A fúria de Cibeli dá lugar ao súbito medo. Era a primeira vez que ela via um de seus seguranças alerta, com uma arma na mão.

- Seu carro está bem atrás da senhora. Entre nele, tranque tudo e me espere.

Ela fica imóvel.

- Agora, Cibeli!

Ela entre no carro. Agora ela está com um medo sólido. Ela se lembra dos alertas de Hans sobre um possível sequestro. (Sequestradores são os profissionais mais frios e preparados do mundo do crime). Argus vai em direção a um carro suspeito que seguia Cibeli desde Viena com a arma em punho. Cibeli escuta uma mulher dar um grito apavorado quando vê a arma na mão de Argus. Ela grita dentro do carro alarmada por ele:

- Argus!

A porta do motorista do carro suspeito se abre. Argus não treme. Aponta a arma na direção do homem que sai do carro (certamente tem mais alguém com ele...).

-Mãos ao alto!

Erik termina de sair do carro. Ele levanta seus dois braços assustado.

Capítulo 2

BADEN

Cibeli com quarenta e oito anos

No volante, Argus agora sabe que Cibeli não vai mesmo voltar tão cedo a Triberg. Agora eles estão em um estacionamento de um hotel em Baden.

- Como se sente, senhora Gatti?

Cibeli está mais calma. (Erik não tinha este direito. Um casamento de vinte e sete anos. Por que não foi embora antes então?). Agora ela sabe a razão. O farsante não podia ficar longe de suas mordomias.

- Eu estou bem.

-Vamos fazer nossas reservas, senhora.

Agora Cibeli tem lágrimas nos olhos.

Ele pega um lenço em seu bolso e passa para ela.

- Mas antes recomponha-se, senhora Gatti.

Ela pega o lenço e tem um sorriso para ele:

- Acha que pode me dar ordens, senhor Argus?

- Só quando é para o seu bem, senhora Gatti.

Ela olha para ele com os cantos dos olhos. (Eu mesmo me surpreendi com minha súbita aflição pela segurança de Argus quando ele avançou contra os possíveis sequestradores). Cibeli se pega agora com uma súbita ternura para o homem a sua frente. Hoje é aniversário

dela, um aniversário terrível. Ele está com ela novamente. Protegendo-a. (Como naquele meu outro aniversário terrível de meus vinte anos, ele está ao meu lado). Ela limpa suas lágrimas com o lenço dele e se lembra:

“Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você...”

(Você não deixa de ter razão, Erik. Eu sou fria. O sexo deste mundo não me interessa. Mas garanto que o homem à minha frente me apreciava como eu sou e me fazia sentir mulher como e não me sinto há vinte e sete anos ao seu lado). Ela se surpreende com o que acabou de pensar. (O que está fazendo Cibeli? Aquele Argus que você conheceu, o príncipe Valente de suas lembranças não existe mais). Então ela se lembra de algo enterrado muito tempo:

“ Você vai ter que esquecê-lo, Cibeli. Esquecer o pai que não teve. Ele não vai te procurar mais. Eu sou seu “Príncipe valente” como você me chama. Ninguém faz isto com você. Eu vou enfrentá-lo. ”

(Me ajude Argus. Tudo que eu quero agora é esquecer meu marido).

- Argus. Eu sei que foi só um susto, mas eu quero o senhor em um quarto ao lado do meu, esta noite. Vou me sentir melhor assim. De costas para Cibeli, Argus sorri. (Você me chamou pelo primeiro nome, Cibeli.).

Uma semana depois, Cibeli foi em silêncio durante toda a viagem até Munique. Quando chegou até o escritório de advocacia, Erik estava lá. Acertaram os detalhes para o divórcio. Ela se levantou e foi embora. Na viagem de volta, Cibeli olha para o homem à sua frente e decidi, por um momento não haverá farsas entre os dois:

- Nestes anos todos, eu imaginei que tinha um marido. Não tinha. Todas as más e boas lembranças do que vivi com ele agora não valem nada. Mas as recordações que eu tenho com o príncipe valente de minhas lembranças vão ficar para sempre.

Ela descobre um Argus comovido com o que ouviu. Cibeli percebe que ele sabe perfeitamente seu lugar naquele mundo. Mas ele também não quer a farsa, pelo menos por um minuto. Ele diz:

- Você me perdoa, Cibeli?

Ela se lembra de algo naquele dia em que confessou seu relacionamento vergonhoso com o pai:

“ Você me perdoa, Argus? ”

Cibeli fica em silêncio por alguns segundos:

- Perdoar pelo o que, Argus?

-Me perdoe por eu ter jogado minha vida fora.

Cibeli tem os olhos aguados quando se lembra do que ele a disse no dia em que confessou sua vergonha:

“ Não há o que perdoar, Cibeli”

Ela fica em silêncios por alguns segundos e diz:

- Não há o que perdoar, Argus.

Depois de um curto silêncio ela continua:

- Senhor Argus, sempre tão profissional.

Tenho duas coisas a pedir.

- Claro, senhora Gatti.

- O primeiro pedido: Me chame de Cibeli.

- Claro, senhora Gatti.

- Por favor, Argus. Eu preciso disto neste momento em nome de nosso curto mais intenso passado distante.

Argus mira pensativo na estrada à sua frente durante alguns segundos e diz concentrado em sua direção:

- Quando estivermos sozinhos e isolados como aqui neste carro, por exemplo, eu terei prazer em te chamar pelo seu primeiro nome quando a senhora pedir, mas em público e em locais abertos será sempre senhora Gatti. É uma distinção necessária à sua pessoa. Algo que você merece. Além disso, não pega bem para um recém-empregado ficar chamando sua patroa pelo primeiro nome na frente de outros empregados que vivem há anos em sua presença e ainda a chamam de senhora. Cibeli balança a cabeça com um sinal de aprovação. Agora ela continua:

- O meu segundo pedido: eu peço que não fique constrangida com meu repetitivo choro.

- Estou dirigindo, Cibeli. Quando neva a estrada fica particularmente perigosa. Só tenho olhos para a estrada à frente.

Cibeli se entregou ao choro contido olhando pela janela. Ela se lembra de quando chorou assim décadas atrás nos braços de Argus, quando revelou a ele sua vergonha.

- Quer que eu levante o vidro da cabina e tenha um pouco mais de privacidade?

- Por favor. Levante o vidro, Argus.

(Meu casamento e meu motorista. Tenho que ficar a sós com minhas farsas.).

Cibeli está serena. Se adaptando à nova situação e ao fim de seu casamento. No meio da viagem ela pede ao seu novo motorista para baixar o vidro. Então ela sente por um segundo aquela fragrância (Feromônios. É o cheiro de macho dele. Eu o conheço bem. Inesquecível. Ele está excitado).

- Argus.

- Pois não, Cibeli.

- É evidente que ainda não estou pronta para voltar a Triberg. Minha filha vai chegar em breve e não quero que ela veja uma mãe chorona. Preciso de mais uma noite por aí. Vamos até a Cidade de Grasse. Eu tenho um apartamento lá.

- Pois não, senhora.

(É o perfume de seus feromônios. Agora que a fêmea está liberada, o macho instintivamente a atrai com seu perfume. Mas tem algo que atrapalha o cheiro delicioso que ela conhece desde aquele verão. Algo vagabundo como uma loção pós barba popular).

- Senhor Argus, eu tenho um favor a pedir. Eu tenho um olfato extremo. De hoje em diante use somente sabão neutro.

(E libere esta delícia pura para mim.).

- Eu entendo.

Cibeli se lembra de algo. Uma noite mágica em Viena preparada para ela e Erik se aproxima. O vestido mais caro que o dinheiro pode comprar. O salão é um dos mais importantes e exclusivos da cidade. Vai ser uma apresentação da filarmônica de Copenhague. Ela tem uma reserva para dois.

- Antes de ir a Grasse eu quero voltar a Viena. Não quero abandonar aquela linda cidade de uma maneira tão hostil. Viena não merece isto. Tem uma mesa de jantar reservado para mim em um evento especial. Você não vai me deixar sozinha. Não se esqueça de que você é meu segurança. Tem que estar ao meu lado. Só deixe o quepe de motorista no carro.

Argus simplesmente se deixa levar pela correnteza. Não fazia um mês, ele andava

perdido e solitário pelas ruas do centro sujo do Rio de Janeiro. Agora experimenta um smoking digno de um príncipe. A gravata borboleta. O sapato brilhando como espelho. -

- Fiquei bem, senhora Gatti?

Ela entende o recado. Os dois agora estão em público.

- O senhor está parecendo um príncipe.

Os dois se lembram "Príncipe valente". Por um momento eles trocam um olhar cúmplice.

Agora Argus tem sentimentos estranhos.

Obviamente ele não podia seguir ao salão com uniforme de motorista, mas ele se sentia um pouco como um objeto. Algo a ser usado e moldado para atender Cibeli. Cibeli se recorda:

"Eu sou uma farsa? Você acha que é fácil conviver com uma mulher fria na cama como você, que finge gostar de sexo desde que nos conhecemos como fez comigo está noite? Você devia agradecer estas moças casuais em minha vida. Só por causa delas você não está sozinha..."

Ela não percebe, mas a dama dos perfumes está em um exercício quase inconsciente de curar sua autoestima de fêmea, de mulher depois do que ouviu de seu ex-marido, enquanto o príncipe valente de suas lembranças está bem ao lado dela...

- Vamos andando, senhor Argus. Não vou deixar Viena derrotada.

Ela dá o braço a ele. Os dois cruzam o braço e vão em direção ao salão. Na grande e luxuosa sala de espera com chão de mármore. Argus vê quadros com pinturas e fotos de reis, rainhas e presidentes. O portal os leva ao sofisticado salão com suas mesas redondas e cadeiras elegantes. Os quadros agora alternam pintura de paisagens diversas como Alpes brancos pela neve e lagos azuis como o céu. No centro das mesas havia somente um copo largo de acrílico azul preenchido até a metade com uma vela da mesma cor acesa. Estão todos acomodados. As mesas ocupadas. A luz se apaga. O salão agora é um mar de velas azuis. Algo vem à mente de Argus: A imensidão azul. O palco se ilumina. A orquestra filarmônica está pronta. Um homem alinhado se apresenta:

- Boa noite, senhoras e senhores! Estamos honrados em recebê-los. Esta noite temos peças de Bach e em seguida, com o salão iluminado, uma noite de valsas. Vamos começar com BWV 244 do imortal Bach. Aplausos quando o maestro entra. Argus sorri quando a música começa. Ele conhece a melodia. Uma música após a outra, Argus vai resgatando algo que tinha perdido na sua vida trancafiada. O amor pela música. Todo tipo de música. As notas musicais matemáticas de Bach o levam para o céu. Por

alguns minutos, Argus está ao lado de Cibeli no paraíso.

- As valsas vão começar. Vamos girar senhor Argus. A valsa das flores é irresistível.

Ela pega ele pela mão e o leva para o salão.

Em meio à dança, vivendo e revivendo cada respiração, cada suspiro dela, com o rosto de Cibeli colado junto ao seu, ele se lembra daquela noite na gafieira no Rio:

“Você deslizou pelo salão, me fez sentir como se eu fosse um dançarino profissional, Cibeli.

”

De volta a mesa, Cibeli tem um grande sorriso satisfeito. (Os feromônios deles estão explosivos):

- O senhor me surpreendeu, senhor Argus.

Ela continua e pergunta sem maldade, divertida:

- Dançava valsa no presídio?

Ele se lembra do prisioneiro violador Viking de quando ele chegou como garotão ao presídio.

- Fui convidado uma vez, mas recusei a dança.

Os dois riem com a óbvia mensagem nas entrelinhas. Ela pergunta divertida:

- Por que recusou a dança?

Ele rodeia com os olhos o ambiente e responde com um sorriso:

-Lá não tem salões como este e nem mulheres deslumbrantes como a senhora.

Ela adora o elogio dele. Ele continua:

- Como conseguiu este ar juvenil, senhora Gatti?

- Só este seu elogio já valeu por todo o tédio na academia e a alimentação habitual sem graça para manter alguma dignidade em minha idade.

Os dois ficam em silêncio por um segundo. Se apreciando. Então ela continua:

- Mesmo sabendo que era o seu trabalho eu me surpreendi com a sua disposição para enfrentar bandidos tão perigosos. Um homem despreparado para uma batalha daquela.

- Na verdade eu não sou tão despreparado assim. Já fui treinado com armas durante uma passagem de minha juventude.

Cibeli olha atenta e fixamente nele:

- Lembrei! Falcão Noturno. A firma de vigilantes.

Ele se alegra:

- Parabéns senhora Gatti. Uma memória e tanto!

Mesmo sem tocar mais no passado deles, a conversa segue fácil. Ela repara que o perfume natural dele está intenso. Cibeli sabe que ele aprecia a companhia dela. Quando se dão conta à noite no salão chega ao fim.

- Vamos para Grasse, senhor Argus.

(Você conseguiu, Argus. Fez-me esquecer de meu ex-marido), ela pensa satisfeita enquanto caminha com Argus de braços cruzados em direção ao carro.

Enquanto o carro passeia pelas ruas da Cidade de Grasse, Cibeli se surpreende. Por um momento ela sente novamente a excitação na cidade dos perfumes há muito perdida. (Meu fetiche não morreu ainda). Ela é tomada por pensamentos eróticos imaginando seus perfumes na pele de seu novo e provisório motorista. (O que está fazendo Cibeli?). Ela pensa desconfiada. Depois não resiste a uma pergunta para si mesma. (Ele está ligado, os feromônios invadindo o ambiente. Como será a relação dele com o sexo após vinte e sete anos de prisão? Simplesmente o sexo morreu para ele?). Tudo o que ela não sabe dele lhe dá uma certeza. O Argus que ela conhecia não existe mais. (Mas o cheiro dele, perfume dele, isto não mudou. No fim, a essência dele é a mesma de quando me ensinou a viver e me salvou da criatura de meus pesadelos). Cibeli se lembra daquela manhã no apartamento dele, em Vila Isabel quando experimentou uma intimidade única com ele e o fetiche dela: No passado, quando chegou a Cidade dos Fetiches de Cibeli, aquilo era um mundo de excitação. Depois passou. Agora, a paisagem da Cidade de Grasse volta a ser o clube de fetiches de Cibeli. (É ele ao meu lado. O meu orgulho ferido já foi curado. Mesmo assim eu não resisto a ele).

- Argus. Posso fazer uma pergunta indiscreta?

- Fique à vontade.

Ela não vacila:

- Como foi sua vida sexual no presídio. Você recebia visitas íntimas?

Argus fica surpreso com a pergunta. (Uma pergunta direta merece uma resposta direta).

- Eu tinha acabado de assistir meu namoro terminar quando fui preso. Não tinha mais ninguém.

Ela não resiste à deliciosa conversa, ao perfume dele cada vez mais forte:

- Como satisfazia suas necessidades sexuais?

Ele sorri. (Outra pergunta direta merece uma resposta direta).

- Eu era apaixonado por você. Passei o tempo todo praticando o sexo solitário ao seu lado em minhas fantasias. Um mundo só meu.

-Então eu também eu era inalcançável para você, como você já foi um dia inalcançável para mim.

Ela fala e se acomoda no sofá de trás do carro e cruza as pernas. Ela sente o coração bater mais forte. (O que está fazendo Cibeli?).

- Ainda não resolveu o problema? Tantos anos assim, sem uma mulher...

Argus sente o seu coração bater mais forte:

- Agora eu sou um homem livre, mas com você tão próxima, eu estou preso as minhas fantasias como nunca.

(O que está fazendo Argus?). O coração dele vai acelerando, depois de vinte e sete anos

aquela conversa também era irresistível para ele.

- Ainda é apaixonado por mim?

- Como nunca.

Ela sorri. O perfume dele está mais intenso do que nunca.

- O que faria se a dama dos perfumes o recebesse em uma noite destas?

(Quer brincar, Cibeli? Então vamos brincar.).

- Mesmo que seja só por uma noite, eu vou dizer, são vinte sete anos sonhando com isto. Sonhando com os seus perfumes na minha pele.

Cibeli treme os lábios. Sua pupila se delata. (Meus perfumes na pele dele). O mundo dos perfumes volta a ganhar vida em sua excitação. Ela percebe. Ele está quase ofegante com a conversa. O perfume dos feromônios é cada vez mais intenso. Ela está úmida. Ela também sente cheiro de sua excitação. (Eu quero você, Argus). Ela retira um de seus perfumes de sua bolsa. Ele percebe o leve toque dela em seu ouvido e a fragrância erótica se espalha pelo carro e seu coração toca como um bulbo.

- Chegamos, Argus. Por que não sobe comigo? Eu vou fazer um café quente e forte para nós dois. Prometo que não vou derrubá-lo no senhor.

No dia seguinte, no apartamento de Cibeli, quando ele acorda, ela está ao lado dele com o smartphone na mão, o site de um jornal mostrando uma foto dos dois juntos, dançando a valsa de ontem. Cibeli pensa arrependida (O que minha família vai pensar de mim se achar esta foto? Eu acabei de me separar de meu marido e agora já estou com outro homem na cama. Um homem que só Deus sabe que tipo de crimes já cometeu. Um homem que eu joguei em segredo no quintal da minha família um pouco antes de minha separação. O que meus filhos vão pensar de mim se descobrirem que o homem com quem durmo estava em minha casa enquanto eu ainda era casada?).

- Bom dia, Senhor Argus. Eu já fiz nosso café. Vamos voltar o mais cedo possível para Triberg.

Argus entendeu. O jogo começou de novo. Ele se levanta e se veste. Assim que ele dá as costas a ela e vai em direção à porta do quarto ela o chama. Quando ele se vira para ela, agora é Cibeli quem está de costas para Argus, olhando pela janela quando diz:

- É melhor ficar preocupado com seu emprego e seu final digno, senhor Argus. Eu mesmo garanto que você não vai ficar muito tempo na empresa se alguém souber desta nossa noite.

Então Cibeli sorri amarga para si mesma quando se lembra do WhatsApp de Naomi no hotel em Viena:

“Ele me ameaçou mandar embora da empresa se eu falasse algo sobre nós, diga ao garanhão que eu já me demiti. ”

(Isto te lembra de alguém Cibeli?). Cibeli pensa, abaixa a cabeça e se vira para ele, constrangida:

- Desculpe Argus, mas você há de convir que depois de um namoro de três meses, quase três décadas sem vê-lo e com sua história de ex-presidiário, eu não sei o que esperar do senhor. Isto me assusta. O senhor consegue me compreender?

Ele dá as costas a ela, volta a caminhar em direção a porta enquanto diz:

- Fique tranquila. Eu entendo perfeitamente. A senhora também me dá medo.